



A (RE)PRODUÇÃO DE VIVÊNCIAS E CORPOS NO CAPITALISMO: a relação gênero, raça e classe

Livia Almeida Dutra¹

RESUMO

Este artigo busca abordar sobre as imposições postas da cis-heteronormatividade no capitalismo, articulada com a relação gênero, raça e classe. Busca demarcar como o modo de produção capitalista utiliza de outros sistemas de opressões, tal como o cis-heteropatriarcado, racismo e a LGBTIfobia, como moldes na produção e reprodução dos sujeitos nas relações do capital, e no processo de apropriação de vivências do modo de produção capitalista para fins de mercantilização destas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que seguiu a abordagem qualitativa, fundamentada no materialismo histórico dialético.

Palavras-Chaves: capitalismo, cis-heteronormatividade, população LGBTI+.

ABSTRACT

This article aims approach the impositions imposed by cisheteronormativity in capitalism, articulated with the relationship between gender, race and class. It seeks to demarcate how the capitalist mode of production uses others systems of oppression, such as cis-heteropatriarchy, racism and LGBTIphobia, as molds in the production and reproduction of subjects in the relations of capital, and in the process of appropriating experiences of the mode of capitalist production for the purpose of commodifying them. This is a bibliographical research, which followed the qualitative approach, based on dialectical historical materialism.

Keywords: capitalism, cisheteronormativity, LGBTI+ population.

1 INTRODUÇÃO

A luta da população LGBTI+², sigla adotada neste artigo e correspondente a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais, por garantia de direitos decorre de negações, violências e discriminações consolidadas na

¹ Universidade Federal do Maranhão; Mestranda em Políticas Públicas; Assistente Social; liviaaldut@hotmail.com.

² Adota-se a sigla LGBTI+ com o intuito de abarcar as múltiplas existências de gêneros que não estão inseridas nos padrões heteronormativo e binarista, incluindo grupos de pessoas para além das orientações sexuais (lésbicas, gays e bissexuais) e identidade de gênero (trans) mais conhecidas, quais sejam intersexuais e outros que não se identificam em nenhuma destas demarcações, tendo em vista que existem inúmeras possibilidades de identificação.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



estruturação do modo de produção capitalista, que se fundamenta na relação de exploração, dominação e opressão de classe, gênero, etnia e raça, e de orientação sexual, na busca de produção e reprodução do capital que se nutre e edifica de desigualdades sociais. A cultura machista, cis-heteropatriarcal, racista e LGBTIfóbica³ compõe os processos capitalistas, na produção de desigualdades e de violações para estruturar as relações do capital (CISNE; SANTOS, 2018).

É nesse sistema capitalista, com a sustentação de crenças, valores e tradições, que se perpetua o padrão denominado cis-heteronormativo como forma de regulação, controle da orientação sexual, identidade e expressão de gênero dos indivíduos com a perspectiva de reproduzir a relação de exploração e dominação capitalista, com vistas a ampliar a produtividade do modo de produção do capital.

Partindo do pressuposto de que a organização do modo de produção capitalista se fundamenta das relações desiguais entre as classes e se utiliza de sistemas já estruturados para reproduzir e produzir outras relações de submissões, dominações e explorações, tais como gênero, raça e etnia, o capitalismo aproveita de aparatos e/ou dispositivos existentes para fins de atender as necessidades do capital.

Por meio de “verdades” e discursos construídos sobre os sujeitos, suas heterogeneidades e particularidades são (so)negadas, ofuscadas pelo padrão dominante instituído. Nesse sistema padrões de sujeitos são construídos, articulados também em outros sistemas de opressões, tal como o cis-heteropatriarcado, racismo e a LGBTIfobia. O artigo busca então tratar sobre as imposições da cis-heteronormatividade postas no modo de produção capitalista, articulada com a relação gênero, raça e classe.

³ LGBTIAfobia “pode ser definida como o medo, a aversão, ou o ódio irracional a todas as pessoas que manifestem orientação sexual ou identidade/expressão de gênero diferente dos padrões heteronormativos, mesmo pessoas que não são LGBTI+, mas são percebidas como tais” (REIS, 2018, p. 35).

PROMOÇÃO



2. A RELAÇÃO GÊNERO, RAÇA E CLASSE NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA: breve considerações

No sistema do capital, a representação e o símbolo de poder são caracterizados pelo homem cis, branco, hétero, preferencialmente com posses financeiras. Assim, é por meio dessa personificação que as relações desiguais de gênero, raça e classe vão se estabelecendo, ignorando ou subordinando sujeitos que não correspondem — ou se submetem — a esse modelo universal de ser da burguesia.

Davis (2016) destaca de forma explícita como a organização das bases do capitalismo está articulado com a categoria gênero e raça; razão pela qual insiste na compreensão crítica de como a produção e a reprodução do capital se estrutura e rebate nos seres humanos. É a regulação dos indivíduos a partir das múltiplas determinações desse sistema. É necessário compreender “[...] as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras” (DAVIS, 2016, p. 12).

Vale destacar que as relações hierárquicas de gênero e raça antecedem o contexto de formação e estabelecimento do modo de produção capitalista e a sua relação de exploração-dominação de classe. Ao se constituir, esse sistema modifica e reestrutura outros sistemas, tais como o cis-heteropatriarcado, o machismo e o racismo, a partir dos propósitos que os atendam, na perspectiva da exploração de classe, da força de trabalho, da produção e da reprodução do capital.

[...] o capitalismo também mercantilizou todas as relações sociais, nelas incluídas as chamadas específicas de *gênero*, linguagem aqui considerada inadequada. Da mesma forma a *raça/etnia*, com tudo que implica em termos de discriminação e, por conseguinte, estrutura de poder, imprimiu sua marca no corpo social por inteiro (SAFFIOTI, 2015, p. 134).

Machismo, racismo, cis-heteropatriarcado e LGBTIfobia também são aspectos estruturantes das relações do capital. Assim como a acumulação e a pobreza, as violações e as desigualdades daí decorrentes “(...) são inerentes a injustiça e a

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



iniquidade. Sem a concretização desta verdadeira lei [...], o capitalismo não se sustentaria, ou melhor, nem seria capitalismo” (SAFFIOTI, 2015, p. 14).

O cis-heteropatriarcado é um sistema de hierarquização no qual o homem cisgênero e hétero é a figura da autoridade e do poder em relação a mulheridades e feminilidades. É a sobreposição e o privilegiamento de homens, principalmente inseridos em determinadas características, como cisgeneridade e heterossexualidade, acerca tudo aquilo que corresponde a mulheridades, feminilidades e suas experiências. Destaca-se a utilização do termo “cis-heteropatriarcado” por se compreender a relação direta da cisgeneridade e heterossexualidade presente das características apresentadas com o processo patriarcal; tendo em vista que as vivências fora dos modelos binaristas de gênero, da cisgeneridade e heterossexualidade estão entrepostos nesse sistema de opressão e submissão (CISNE; SANTOS, 2018).

Esse sistema consiste nas mais variadas transformações de acordo com o momento histórico e a sociedade. Como fenômeno social, não é algo fixo, imutável, que se apresenta apenas de uma única maneira, sendo necessário considerar todos os aspectos relacionados a determinados períodos. Assim, tendo em vista essas questões, o modo como é apresentado e reproduzido pode diferir a depender das conjunturas e do tempo. Contudo, a sobreposição do homem cis, hétero, suas características e o “direito” deste em relação a mulheridades e feminilidades estão impostas.

De fato, como os demais fenômenos sociais, também o patriarcado está em permanente transformação. Se na Roma antiga, o patriarca detinha poder de vida e morte sobre sua esposa e seus filhos, hoje tal poder não mais existe, no plano *de jure*. Entretanto, homens continuam matando suas parceiras, às vezes com requintes de crueldade, esquartejando-as, ateando-lhes fogo, nelas atirando e as deixando tetraplégicas etc. (SAFFIOTI, 2015, p. 48).

O machismo, a partir das definições de Drumont (1980), pode ser entendido como um sistema de representações e dominações de homens sob as mulheridades e feminilidades. A sujeição de mulheres cis, trans e travestis, decorrente do gênero e suas características, construída a partir de discursos, relações, papéis, impostos como padrões e a superioridade dos homens e daquilo que foi definido socialmente

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



como “particularidades” destes. Um mecanismo de fortalecimento de significados e representações desiguais das relações entre homens e mulheres, em que um é tido como o maioral e o outro inferior, quando não considerado incapaz, em diversos pontos, a este.

Tanto o cis-heteropatriarcado como o machismo podem ser reproduzidos pelas mulheridades e feminilidades. Acabam por fortalecer processos de dominação e hierarquização de homens perante as mulheridades e feminilidades; propagam discursos e representações de condutas, papéis sociais, padrões, entre outros, inferiorizando-as com relação aos homens; além de corroborar com o poder do homem em relação aos seus próprios corpos, suas vestimentas e suas vidas. Entretanto, estas não gozaram dos privilégios que constituem esses sistemas.

Os sistemas em questão são fundamentais e estruturantes no processo de violações e violências de gênero que apresentam as mulheres vítimas potenciais. De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021, p. 14), em 2020, ocorreram cerca de 1.350 casos de feminicídio no país, dos quais 81,5% foram vítimas de seus companheiros ou ex-companheiros, 74,7% tinham entre 18 e 44 anos, e 61,8% eram negras. Com relação às violências sexuais, de 60.460 casos, 86,9% eram mulheres.

O racismo se baseia em uma convicção de hierarquização, poder e dominação que determinado grupo possui em relação a outro, pela cor, por características fenotípicas ou até mesmo pelo seguimento religioso referente à raça dessa determinada população. É um sistema de inferiorização, opressão e violências que ataca, invisibiliza, silencia e nega direitos de pessoas negras, indígenas, ciganas, etc.; e se apresenta nas mais variadas maneiras, seja estrutural seja institucional. Esse sistema de opressão estrutura as relações da sociedade – assim como o cis-heteropatriarcado e o machismo – cujos processos naturalizam e normalizam discursos e ações discriminatórios (ANJOS, 2019).

A LGBTifobia está inserida nos marcos da repulsa e das discriminações apresentadas por sentimentos, falas e atos referentes a lésbicas, gays, bissexuais,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



transexuais, travestis, intersexuais e todos aqueles que não estão dentro dos padrões binaristas de gênero e heteronormatividade. Pode-se compreender a LGBTIfobia como:

[...] o medo, a aversão, ou o ódio irracional a todas as pessoas que manifestem orientação sexual ou identidade/expressão de gênero diferente dos padrões heteronormativos, mesmo pessoas que não são LGBTI+, mas são percebidas como tais (REIS, 2018, p. 35).

O modo de produção capitalista dispõe desses sistemas e articula no seu processo de exploração, dominação e humilhação. Dito isso, a composição das relações sociais desiguais do capitalismo usufrui de todos os dispositivos para fins de atender as necessidades do capital. É nesse processo que o capitalismo hierarquiza os sujeitos com base no gênero, na raça, na orientação sexual, na idade, entre outros marcadores, no qual o homem cis-hétero, branco, jovem, burguês, é a figura de detenção de poder. Por meio desses aspectos, as relações desiguais têm como eixo estruturante uma divisão do trabalho em que diferenças salariais entre os gêneros, a desvalorização do trabalho das mulheres, como também de pessoas negras e a marginalização dos espaços que essas determinações populações ocupam são seus componentes.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019), no ano de 2018, o rendimento médio mensal entre pessoas brancas e negras eram desiguais tanto nas ocupações formais como também nas informais, ainda que a maior parte da força de trabalho fosse de negros. O rendimento mensal de brancos é de 2.796 reais, enquanto o de negros corresponda a 1.608 reais, e o rendimento de pessoas ocupadas brancas sendo superior 73,9% da população negra. Referente aos marcos de gênero, seguindo os dados do IBGE (2021), em 2019, no Brasil, o rendimento para homens chega em cerca de 2.500 reais, enquanto para mulheres é por volta de menos de 2.000 reais.

Destaca-se a vantagem dos homens brancos sobre os demais grupos populacionais, sendo que a maior distância de rendimentos ocorre quando comparados às mulheres pretas ou pardas, que recebem menos da metade do que os homens brancos auferem [44,4%] (IBGE, 2019, p. 3).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Em uma escala de rendimento habitual mensal, com base nesses dados, são os homens brancos que possuem um maior rendimento, vindo em seguida as mulheres brancas, os homens negros e então as mulheres negras. Em uma relação comparativa, os homens brancos detêm maiores recursos do que todos os outros, as mulheres brancas têm um rendimento maior de homens e mulheres negras e menor aos homens brancos, e os homens negros com recursos superiores somente das mulheres negras. Essas diferenças se apresentam em decorrência de diversos aspectos, oriundas tanto das diferenças salariais em um mesmo emprego para pessoas brancas e negras, homens e mulheres, como também pela segregação ocupacional, as diferenças de oportunidades de trabalho e educacional.

Mulheres negras sempre estiveram inseridas no contexto da exploração da força de trabalho, em condições degradantes, com pagamentos — quando ainda se tinha — baixíssimos, discriminações racistas e sexistas, em espaços de trabalho marginalizados pela sociedade. Quando a existência e a vivência dos sujeitos perpassam por diversos marcadores sociais, tais como gênero, raça e classe, passam e sentem por multiplicidades de desigualdades sociais, processos hierárquicos, opressões, violações e discriminações (DAVIS, 2016).

Destarte, as discriminações decorrentes dessa imbricação gênero, raça e classe fazem parte do processo do metabolismo societário do modo de produção capitalista. Consubstanciado pela cultura cis-heteropatriarcal, machista e conservadora que nega direitos a essa população, exceto quando o oportunismo está engendrado em campanhas midiáticas com o intuito de gerar lucros.

3. A MERCANTILIZAÇÃO DAS VIVÊNCIAS E CORPOS NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

A mercantilização das particularidades de gênero, raça e orientação sexual no capitalismo passam a ocorrer a partir do entendimento da possibilidade de gerar lucros na perspectiva da produção e reprodução do capital. A apropriação de temáticas relacionadas as mulheres, LGBTI+, negros, indígenas, dentre outros, no

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

modo de produção capitalista não está vinculado à superação do machismo, racismo, cis-heteropatriarcado, LGBTIfobia, e muito menos na tentativa de garantir direitos para essas populações. Pelo contrário, intenciona beneficiar-se de suas demandas consideradas únicas legítimas, mas, com vistas aos fortalecimentos de suas relações mercantis.

Verifica-se a produção e venda de roupas, brinquedos, dentre outros produtos, por grandes empresas relacionado aos direitos das mulheres, a importância das vidas da população negra, de celebração ao amor entre pessoas do mesmo gênero. Entretanto, são itens que por vezes possuem um valor superior a outros⁴, além de estarem em um encadeamento da exploração da força de trabalho, empresas nas quais remuneram mulheres, negros, LGBTI+ com salários desiguais e não contratam para cargos gerenciais. A abertura de bares e restaurantes voltadas para determinadas populações, porém em que pequena parcela consegue acessar devido as condições financeiras, ou do contrário, acabam sendo lugares marginalizados e estigmatizados (NOYÉ, 2019).

[...] coloniza o conjunto dos campos sociais de maneira a torná-los mercantis, investiu particularmente nas identidades sexuais e de gênero, para torná-las “estilos de vida” [*lifestyle*] que se caracterizam por um conjunto de bens e de práticas à venda, a ser consumidos de forma individual. Um conjunto de bares, lojas, produtos, roupas, viagens etc. constitui um *pink market* que toma parte na construção de uma subjetividade LGBTQI perceptível (NOYÉ, 2019, p. 155).

A representação dessa mercantilização também se faz presente em meses e datas específicas referentes a algumas questões. Exemplo disso é a Parada do Orgulho LGBTI+, em São Paulo, considerada a maior em âmbito mundial, que no ano de 2019 chegou a movimentar cerca de 403 milhões (G1, 2019), com patrocínio e apoio de grandes marcas, como Uber, Burguer King e Avon. Entretanto, essas empresas apenas tratam e “apoiam” tais datas, não buscando uma quebra das relações já estabelecidas, sendo então somente um meio para atender as necessidades do capital.

⁴ Apresenta-se como exemplo a diferenciação de preços de produtos similares (Boneca Barbie Profissões Médica Pediatra), cuja diferenciação é uma ser branca e a outra negra. O valor da boneca branca no site da empresa Magazine Luiza é por volta de 219 reais, enquanto a boneca negra chega a custar 299 reais.

PROMOÇÃO



APOIO



Apesar da Parada de São Paulo ser utilizada nesse processo de mercantilização, ressalta-se que essa organização é decorrente das demandas da população LGBTI+, a qual possui um papel fundamental para visibilização como forma de celebrar vivências, existências e resistências LGBTI+, bem como denunciar os preconceitos, as discriminações e as violências. É notória a necessidade de ampliação no debate na relação gênero, raça e classe na organização da Parada SP, contudo não se nega a importância que esta tem para essa determinada população.

Não obstante, a apropriação do modo de produção capitalista, no tocante às particularidades de gênero, raça e sexualidade no aspecto de gerar lucros, encontra-se ainda em um cenário de regulação e controle de corpos, desejos e ações dos sujeitos por meio da imposição do que consumir. A definição de modelos “mais aceitáveis” nesse contexto, em trajés, falas e jeitos; uma construção de identidade padrão dentro dos moldes do capitalismo (NOYÉ, 2019).

Destaca-se, para além desses modelos definidos, a redução da população LGBTI+ em gays e brancos. A representação dessa redução é perceptível ao analisar os apresentadores das transmissões ao vivo da Parada de São Paulo, sobretudo nos anos de 2019 e 2020. Nestes se observa a “diversidade” enquadrada em padrões que não abarcam (ou representam) as multiplicidades dos sujeitos.



PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Imagem 1: Print retirado da transmissão da “Parada ao vivo SP 2019”. Apresentadores na foto da esquerda para a direita: Mandy Candy, mulher trans; Spartakus Santiago, homem gay; Filipe Oliveira, homem gay; Eduardo Camargo, homem gay; Fernanda Soares, mulher lésbica; e Lorelay Fox, drag queen.



Imagem 2: Print retirado da transmissão da “Parada ao vivo SP 2020”. Como apresentadores principais: Filipe Oliveira, homem gay; Eduardo Camargo, homem gay.

Tais transmissões e a escolha das mesmas pessoas, em sua maioria gays e brancos, geraram diversos debates e críticas por sempre darem enfoque nas mesmas representatividades. Diante dessas manifestações por parte da população LGBTI+, no ano de 2021, as escolhas de apresentadores mudaram na tentativa de englobar as multiplicidades dos indivíduos.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Imagem 2: Print retirado da transmissão da “Parada ao vivo SP 2021”. Apresentadores na foto da esquerda para a direita: Alberto Pereira Jr, homem gay; Lorelay Fox, drag queen; Bielo Pereira, mulher trans não-binária; Nátaly Neri, mulher pansexual.

Salienta-se que a mercantilização e a privatização causam diversos riscos para as populações que estão inseridas nesse processo. A falsa ideia de importância desses sujeitos para tal sistema, a padronização em um caráter universal de indivíduos, roupas e lugares, a imposição de que esses corpos ocupem somente determinados espaços, tendo em vista que outros não os pertencem; fortalecem cada vez mais as desigualdades, levando em consideração a não acessibilidade dos produtos, invisibilizando e excluindo existências e vivências fora dessa normatividade, como trans, travestis, não binários, idosos e pessoas com deficiência.

Sem desconsiderar as contradições, não se perde de vista — via de regra — que a articulação do modo de produção capitalista com as causas de mulheres, negros, LGBTI+, tem sido usada como estratégia para produzir e reproduzir as relações do capital. Logo, como mecanismo para gerar lucros, ao mesmo tempo em que regula corpos, desejos, comportamentos e etc., em padrões aprováveis para esse sistema. É necessário conceber, mesmo sob uma perspectiva rasa das discussões sobre a temática, como uma possibilidade de ampliação do debate em espaços não

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



usuais. Por mais que seja um âmbito na busca de produzir e reproduzir as relações do capital, os movimentos sociais podem utilizar como mecanismo para expandir de forma crítica as discussões, as ideais e as lutas, mas também como meio para garantir direitos, aproveitando-se das possibilidades como forma de resistência.

As normas e os padrões que regulam e controlam essas articulações correspondentes a gênero, raça e classe no modo de produção capitalista são organizadas e estabelecidas pelas instituições que fazem parte desse sistema, solidificando “verdades” e discursos construídos socialmente e culturalmente de forma natural e universal. As igrejas, o próprio Estado, as escolas, entre outros, estão inseridos nessas instituições de regulação das regras no que diz respeito aos comportamentos, papéis sociais, desejos, prazeres, e também na imposição de aceitação das desigualdades vivenciadas no capitalismo, seja ela de classe, gênero, raça e etnia. Tendo em vista tais aspectos, destaca-se a importância das lutas e resistências contra as imposições de normas e padrões que regularizam corpos, desejos e expressões; e a valorização de significados e falas dos próprios sujeitos.

Nunca é demais comentar que a luta da população LGBTI+, bem como a de feministas, negros, trabalhadores, por garantia de direitos, decorre de negações, violências e discriminações consolidadas na estruturação do modo de produção capitalista, que se fundamenta na relação de exploração, dominação e opressão de classe, gênero, etnia e raça, e de orientação sexual, na busca de produção e reprodução do capital. A cultura machista, cis-heteropatriarcal, racista e LGBTIfóbica compõe os processos capitalistas na produção de desigualdades e de violações para estruturarem as relações do capital (CISNE; SANTOS, 2018).

Logo, é nesse sistema, com a sustentação das crenças, dos valores e das tradições, que se perpetua o padrão cis-heteronormativo como forma de regulação, controlando a orientação sexual, a identidade e a expressão de gênero dos indivíduos com a perspectiva de reproduzir a relação de exploração e dominação capitalista, a fim de que eles se encaixem nesse modelo que é machista, racista e LGBTIfóbico, e, assim, contribuindo para a melhoria da produtividade do modo de produção do capital.

PROMOÇÃO



APOIO



As discriminações, os preconceitos, as violações e os assassinatos de trans estão relacionados com a estruturação machista, patriarcal, sexista, misógina, racista e capitalista, a qual condiciona a figura do homem branco, burguês e cis-hétero como o perfil padrão das normas e do poder. A ratificação e a reprodução dessas imposições concorrem para a naturalização das relações desiguais de poder, a hierarquização e os papéis sociais. A cisgeneridade como a única maneira de vivência e de “normalidade” ocasiona a repulsa para o que se apresenta como diferente.

4. CONCLUSÃO

Aponta-se que somente em um sistema que não tenha a subordinação de classe, raça e gênero haveria possibilidades para a garantia efetiva de direitos básicos de vida humana. No momento em que não se articula gênero, raça e sexualidade com a relação capital-trabalho, das lutas feministas, de negros e LGBTI+ com as de classes, do anticapitalismo, dos efeitos decorrentes destes, não chegará ao fim das desigualdades sociais, das opressões, das relações hierárquicas de gênero, raça e classe. Portanto, direitos para os trabalhadores, as mulheridades, as feminilidades, os negros e a população LGBTI+ só serão efetivamente garantidos em sua amplitude a partir de uma nova ordem social, uma sociedade sem classes.⁵

Além disso, considera-se como necessário a não sobreposição da pauta de classe relativamente às discussões de gênero e raça. Com o discernimento de que o que se busca é a construção de uma nova sociedade sem relações desiguais, hierárquicas de gênero, raça e classe, fundamentada na submissão e na inferiorização de negros, das mulheridades e feminilidades, na regulação de corpos, desejos, prazeres, comportamentos e expressões.

⁵ No lugar da velha sociedade burguesa, com suas classes e seus antagonismos de classes, surge uma associação em que o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos (MARX; ENGELS, 2015, p. 89).

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

REFERÊNCIAS

ANJOS, Keylla Myllena Lima dos. **Mulher Negra na Sociedade Brasileira: histórias de lutas e resistências na esfera do mercado de trabalho.** São Luís: UNICEUMA, 2019.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. **Feminismo, Diversidade Sexual e Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** 1ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para uma análise do machismo.** São Paulo: Perspectiva, 1980.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021.** 2021. Disponível em:
<https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/> Acesso em:
10set de 2021.

IBGE. **Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2021.** 2021.

IBGE. **Informações demográfica e socioeconômica: desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil.** N. 41. 2019.

IBGE. **Informações demográfica e socioeconômica: estatísticas de gênero, indicadores sociais das mulheres no Brasil.** N. 38. 2ed. 2021.

MONTAÑO, Carlos (orgs.). **O Canto da sereia: crítica à ideologia e aos projetos do “terceiro setor”.** São Paulo: Cortez, 2014.

NOYÉ, Sophie. Por um feminismo materialista e *queer*. In: **Crítica Marxista nº 48.** 1ed. 2019.

REIS, Toni (org.). **Manual de comunicação LGBTI+.** 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

PROMOÇÃO



APOIO

